

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Cícero Cavallini, Marco

O HUMORISTA E O BARRIGUDO: QUESTÕES DE POLÍTICA E ESTÉTICA NA OBRA DE
MACHADO DE ASSIS

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.
14, núm. 3, 2010, pp. 517-532

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526882004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O HUMORISTA E O BARRIGUDO: QUESTÕES DE POLÍTICA E ESTÉTICA NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS *

Marco Cícero Cavallini **

Resumo. Este artigo estabelece relações entre a experiência de Machado de Assis na imprensa política da década de 1860 e a crítica social presente em seus romances da maturidade, principalmente *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Palavras-chave: Machado de Assis; Imprensa; Sátira; Humor; Política; Estética.

THE COMEDIAN AND THE FATSO: ISSUES OF POLITICS OF AESTHETICS IN THE WORKS OF MACHADO DE ASSIS

Abstract. This article establishes relationships between the experience of Machado de Assis in the political press of the 1860s and the social criticism present in his later novels, particularly *Dom Casmurro* and *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Keywords: Machado de Assis; Press; Satire; Humor; Politics; Esthetics.

EL HUMORISTA Y EL BARRIGUDO: CUESTIONES DE POLÍTICA Y ESTÉTICA EN LA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Resumen. Este artículo establece relaciones entre la experiencia de Machado de Assis en la prensa política de la década de 1860 y la crítica social presente en las novelas de su etapa madura, principalmente, *Don Casmurro* y *Memorias Póstumas de Brás Cubas*.

Palabras Clave: Machado de Assis; Prensa; Sátira; Humor; Política; Estética.

* Artigo recebido em 30 de novembro de 2009 e aprovado em 17 de novembro de 2009.

** Doutor em História pela Unicamp. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

1 Na secção **Comunicado** do *Diário do Rio de Janeiro*, em 20 de maio de 1861, iniciava-se uma série de artigos anônimos sobre o jornal *O Regenerador*, em um tom peculiar.

Que fim levaram os humoristas do *Diário*? O público tem saudade daquela ironia fina e penetrante como um florete triangular, daquele vigor sem cólera, que rindo e castigando arrastava pelos cabelos o barrigudo *cavaleiro da indústria, escritor público*, e expunha-lhe a cara deslavada às apupadas do alegre povo (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 20 maio. 1861, grifos no original).

O articulista se propunha a escrever resenhas semanais da folha que se dizia “o órgão mais genuíno do *grande partido nacional conservador e protetor da monarquia*” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 27 maio. 1861 - grifos no original).¹ Por esse meio, tencionava “compreender as vistas dos nossos estadistas” e apresentar “as suas *ortodoxas doutrinas*” aos seis mil assinantes do *Diário*, privilégio que outorgava ao *Regenerador*, o qual, “sem ter leitores”, teria seus artigos, ou “narcóticos”, anunciados “*urbi et orbi*” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 17 jun. 1861; 22 jun. 1861, grifos no original).²

2 O *Regenerador* fora o último periódico de Justiniano José da Rocha, tendo sido publicado de 9 de fevereiro de 1860 a 28 de setembro de 1861. Além da feição política conservadora, também professava ideias católicas e tinha por divisa “Fé em Deus, fé nas instituições, fé no futuro do Brasil” (BLAKE, 1883-1902).³ A ligação do famoso publicista, autor do panfleto *Ação; Reação; Transação*, com os saquaremas vinha de longa data e passava até por relações familiares. Salvador de Mendonça conta que quando Justiniano J. da Rocha fora inspetor do ensino na província do Rio de Janeiro, duas vezes por semana ele ia à vila de Itaboraí ministrar lições de francês em um colégio de meninas dirigido pelas senhoras Matoso da Câmara, parentas de Eusébio de Queirós. Cinco das alunas da escola se tornaram célebres pela posição social alcançada. Pertenciam à família Azevedo Macedo, da fazenda de Itapacorá, e foram depois as

¹ Em 26 de agosto de 1861, o resenhista do *Diário* fará referência ao *Regenerador* como a “folha do senador Eusébio, estipendiada (dizem) pelo Sr. Saíão Lobato”.

² A referência aos artigos do *Regenerador* como “narcóticos” está no **Comunicado** de 26 de agosto de 1861.

³ Sobre as relações entre os jornais de Justiniano José da Rocha e os ministérios conservadores ver: Nabuco (1975, Livro II, p. 182-187), Magalhães Júnior (1956) e Souza (1988).

esposas do Visconde de Itaboraí, do Visconde de Uruguai, do Desembargador Belisário de Sousa (pai do ministro Francisco Belisário), do Dr. Cirino Antônio de Lemos e do Barão de Maroim. Com exceção da última e mais nova, todas teriam sido discípulas de Justiniano José da Rocha e, conforme Salvador de Mendonça, nunca dele se esqueceram, sendo que uma delas o auxiliou na educação das filhas e outra lhe forneceu os recursos necessários para a edição d'*O Regenerador* (MENDONÇA, 1960, p. 116-119).

3 Por sua vez, o *Diário do Rio de Janeiro* reiniciara sua publicação sob a bandeira liberal em 25 de março de 1860, aniversário da constituição *outorgada*, data significativa e matéria de controvérsias políticas. Compunham a equipe Joaquim Saldanha Marinho (editor principal), Quintino de Souza Bocaiúva, Henrique César Múzzio e Joaquim Maria Machado de Assis. O futuro Bruxo do Cosme Velho, além de várias contribuições esparsas e anônimas, assinou três séries de artigos: "Comentários da Semana", de outubro de 1861 a maio de 1862, "Ao Acaso", de junho de 1864 a maio de 1865. E por último, a série "Semana Literária", entre janeiro e junho de 1866, ano em que Quintino Bocaiúva assumiria a direção da folha. Outros que eventualmente contribuíram foram Francisco Pinheiro Guimarães, que escrevia para o *Correio Mercantil*, Francisco Ramos Paz, Charles Ribeyrolles, o proscrito republicano francês, e Remígio de Sena Pereira, também redator da folha *O Paraíba*, de Emílio Zaluar (MENDONÇA, 1960, p. 119-121).

Junto ao *Correio Mercantil* e à *Actualidade*, o *Diário do Rio* atuaria como "órgão da opinião liberal" na corte durante a efervescência política da década de 1860, atacando em suas páginas o **regresso** conservador e reanimando os ideais da ala histórica do partido liberal (CAVALLINI, 1999).⁴

4 As resenhas do *Diário* apareceram após as críticas da folha conservadora ao panfleto "A opinião e a coroa", de Quintino Bocaiúva, que na época permanecera anônimo. *O Regenerador* acusara o folheto, cujo autor acreditava ser Félix da Cunha, de atacar o imperador e a monarquia com "frases veementes e odiosas", superando todos os escritos do mesmo gênero produzidos até então no País.⁵ O articulista do *Diário* procurava desqualificar as acusações reproduzindo e ironizando trechos

⁴ Sobre as íntimas relações entre política, imprensa e literatura no Brasil Imperial ver também: Cano (2001).

⁵ Ver: *Diário do Rio de Janeiro*, 18 maio.1861, seção **Correspondências**, "A propósito de Timandro" e *O Regenerador*, 14 maio. 1861.

do jornal de Justiniano José da Rocha, cujas intenções seriam agradecer aos seus protetores e, ao mesmo tempo, alarmar e indispor a sociedade e o governo contra a oposição liberal.

Terça-feira. – Comenta o programa do ministério, que é, já se sabe, expressivíssimo, sabiíssimo, patriotíssimo. O *Brasil*, o *Regenerador*, e certo colaborador do *Jornal do Commercio* a apreciar programas, constituem a mais bonita das produções de indústria do *escrito público*.

Venha o Sr. Visconde de Abaeté com a tolerância e justiça. Quem há que não se curve ante estas divindades tutelares? Um programa adornado com tais virtudes, quem pode rejeitá-lo?

Surja a *regeneração política* do Sr. Visconde de Uruguai. – É preciso recompor a máquina social em todos os seus aparelhos, coloca-la sobre novos eixos, que, girando suavemente, nos levarão à paz dourada.

Venha à lume a conciliação do Sr. Paraná. A autoridade já tem bastante força: cumpre acabar com a separação entre vencidos e vencedores; chamar ao serviço da pátria todas as habilitações, todas as forças sociais.

Cerrem fileira os Srs. Eusébio e Muritiba em favor de seus filhos e genros. A pátria está em perigo, e o pastel da conciliação está comido; cumpre organizar a resistência da sociedade ameaçada.

Vem afinal o Sr. Caxias, que, ou menos dominado de furores, ou *tendo mais tino*, quer só economia e observância das leis, isto é que é falar; estando tudo em paz, *o programa ministerial não poderia ser senão um programa administrativo, e neste sentido nos parece satisfatório*.

E o programa não podia ser político, diz ainda o bom do homem, porque *ninguém tenta inovações ou reformas, nem aparece o pensamento delas*. E todavia escreve a mesma pena, dous dias depois, com pedantismo patético.

‘Desde muito que a oposição não tem segredos para nós: *a experiência, a reflexão, o estudo dos livros* nos habilitam para levantar as máscaras, quaisquer que sejam, de que ela se cubra, e para *chamar-lhe* pelo seu verdadeiro nome – *sois a revolução!*... A revolução com todos os seus rancores, com todas as suas iniquidades, com todas as suas ameaças!’

Nada mais, além de quatro palavras a propósito do folheto – *A opinião e a coroa* (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 20 maio. 1861, grifos no original).

Pelo fragmento, nota-se que a polêmica refletia o grande confronto entre luzias e saquaremas. Os comentários zombavam dos programas dos gabinetes conservadores, e entre os nomes citados encontram-se os dos eminentes líderes daquele partido.⁶ O embate se estenderia até setembro daquele ano. Entre os motivos estava a formação da Liga Progressista, que unia conservadores moderados e liberais. Para o *Regenerador*, tal aliança era “ridícula” e até “desairosa” aos liberais, enquanto para seu oponente ela representava o início do fim do monopólio político da oligarquia.⁷

5 Conquanto, em sua primeira resenha, o anônimo se perguntasse sobre os **humoristas** do *Diário*, posteriormente ele iria se declarar “o humorista mais pachorrento do Rio de Janeiro” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 26 ago.1861). Já em seu segundo artigo, ao comentar as desconfianças do *Regenerador* sobre sua identidade, assumira ser o mesmo liberal que por vezes, no mesmo *Diário*, cauterizara algumas das chagas do **barrigudo**: “o coitado ignora quem fosse o *liberal*, mas agora conhece bem o estilo dessa resenha. / Pedaco d’asno! O liberal era eu, e *ego sum qui sum*” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 27 maio. 1861, grifos no original).

Com tais indícios, é razoável supor que o autor destas resenhas pertencera aos antigos **humoristas** que anteriormente fizeram crônicas semanais, às vezes quinzenais, nas quais a política regressista era alvo da ironia e da sátira. Jean-Michel Massa encontrou no *Diário do Rio de Janeiro* 34 artigos com o título de **Os Comunicados** ou **Colaboração humorística**. Estas séries teriam seu caráter coletivo indicado pela assinatura **Os humoristas** e pela epígrafe **E pluribus unum**. Eram crônicas que comentavam as notícias da semana ou da quinzena, em que se falava de política, literatura, teatro, etc. Machado de Assis teria colaborado em algumas, mas a identificação é muito incerta e, para nosso objetivo presente, irrelevante (MASSA, 1971, p. 282-283).

⁶ A famosa **trindade saquarema** era composta por Eusébio de Queirós, Rodrigues Torres, futuro Visconde de Itaboraí, Paulino José Soares de Sousa, futuro Visconde do Uruguai. Sobre sua ação Ilmar R. Mattos observou: “Efetivando muitas das proposições ‘regressistas’ de Vasconcelos, tendo a seu lado a figura ímpar de Honório Hermeto Carneiro Leão, e contando com o apoio de José da Costa Carvalho na província paulista, a ‘trindade saquarema’ constituiria o núcleo do grupo que deu forma e expressão à força que, entre os últimos anos do Período Regencial e o renascer liberal dos anos sessenta, não só alterou os rumos da ‘Ação’ mas sobretudo imprimiu o tom e definiu o conteúdo do Estado Imperial” (MATTOS, 1990, p. 108).

⁷ Ver: *Diário do Rio de Janeiro* (20-27 maio. 1861; 10-17 jun. 1861; 1-8 jul. 1861).

O que torna esse embate particularmente especial é o papel que assume o articulista do *Diário* e a caracterização que faz de seu adversário. Os termos **humorista** e **barrigudo**, mais que simples escolha casual de apelidos engraçados, escondem relações substanciais, que se revelam ao recordarmos uma curiosa história a respeito de Demócrito de Abdera, relatada em uma carta apócrifa de Hipócrates a Damageta. (SÁ REGO, 1989, p. 76-80).⁸ Certa vez, Hipócrates fora chamado pelos moradores de Abdera para examinar seu amigo Demócrito, que aparentava ter enlouquecido, uma vez que ria sem parar de tudo e de todos. No alto de uma colina, o médico se deparou com o filósofo sentado sob uma árvore, rodeado de vários animais estripados, tendo um livro sobre os joelhos. Demócrito explicou ao amigo, entre risadas constantes, que não enlouquecera, e sim, que estava escrevendo um tratado sobre a loucura, sua natureza, causas e meios de cura. Ele dissecava animais em busca da essência e da sede da bÍlis negra, que acreditava ser a causa da alienação, do delÍrio e da melancolia. Enquanto não chegasse a outra conclusão até o final de seu estudo, o riso lhe parecia ser o melhor remÉdio para essas moléstias que atormentavam a espécie humana. Hipócrates louvou o empenho do amigo e lamentou não ter tanto tempo disponível como ele para o estudo, pois tinha que se dedicar à família, à casa, aos empregados e aos pacientes. Ao ouvir tal justificativa, o filósofo caiu na gargalhada. Explicado o acesso de riso, Hipócrates concluiria que Demócrito não só era o mais saudável de todos os homens, mas também o único capaz de acrescentar alguma sabedoria à humanidade.

6 Essa pequena narrativa, que se prende à história da sátira menipeia e à tradição literária legada por Luciano de Samosata, lança uma luz inequívoca sobre o nosso **humorista**.⁹ Tal epíteto não indica apenas a

⁸ Como indica Sá Rego (1989) o texto original dessa carta, em grego e traduzida para o francês, pode ser encontrada nas *Oeuvres Complètes d'Hippocrate* (1962, v. 9, p. 349-381). São relevantes os comentários de Mikhail Bakhtin (1996) que relaciona esta história sobre Demócrito como fonte para a expressão literária do riso na época do Renascimento junto com a obra de Luciano de Samosata. Sobre a amplitude da sátira menipeia e sua relação com outros gêneros cognatos. Ver ainda Bakhtin (2008), especialmente o capítulo 04.

⁹ Em um ensaio bastante sugestivo, Carlo Guinzburg (2004) aponta o caráter luciânico das obras de Erasmo e de Thomas More e a valorização e divulgação por estes autores do preceito horaciano do *utili dulci*, que formula a mistura da utilidade ao deleite, da utilidade à diversão, enfim do útil ao agradável, tal como nas crônicas que imitavam o **voo do colibri**, imagem empregada por José de Alencar na série *Ao correr da pena*. Vale lembrar que Erasmo e More traduziram uma coletânea de escritos de Luciano em 1505, cujo título indicava opúsculos agradabilÍssimos (*opuscula festivÍssima*).

qualidade daquele que manifesta comicidade e graça, ou se expressa com ironia e intenção satírica. Em sua origem o termo está associado à antiga doutrina médica grega do **humoralismo**, que atribuía a saúde e o temperamento dos indivíduos à harmonia e à combinação dos quatro humores corpóreos: sangue, fleugma, bile amarela e bile negra. Nessa perspectiva, dois elementos expressivos relacionam o **humorista** pachorrento do Rio de Janeiro ao filósofo risonho de Abdera: o uso terapêutico do riso e a prática da anatomia.

O **humorista** do *Diário*, ao empregar o “estilo de ironia e de chacota”, pretendia ridicularizar a política saquarema, simbolizada pela folha de Justiniano J. da Rocha, expondo aquilo que considerava os vícios da oligarquia e de seu publicista maior “às apupadas do alegre povo” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 20 maio. 1861). Em 10 de junho ele se divertia com uma declaração de Eusébio de Queirós no senado, que afirmara que o *Regenerador* não era órgão de seu partido e que seu redator escreveria “por vocação, por gosto, seguindo o impulso de sua vontade individual”. Na semana seguinte, voltaria à carga.

Tomei sobre mim uma empresa, que tinha certa importância, enquanto se acreditava que o *Regenerador* era órgão de uma opinião política, e que por ele se podia compreender as vistas dos nossos estadistas por antonomasia: então, pois que ninguém o lê no decurso da semana, encarregava-me eu, *liberal gottozo, com pouco que fazer*, de informar o público ao domingo, das belezas do jornal, que eu queria valer mais em política, do que vale para a *religião* e a *moral pública*.

Mas, depois da declaração do Sr. Senador Eusébio a tarefa é ingrata, e virei talvez a suspende-la. Se como dizem o ministério dá uma subvenção ao *Regenerador*, tem tal consciência do desperdício, que a esconde, e disfarça em alguma verba, das que têm encoberto certas ajudas de custo. Se o partido conservador se cotiza para o mesmo fim, nega-o em público, e não aceita solidariedade com as *doutrinas* propaladas. Se anda no negócio o *dinheiro de São Pedro*, duvido que o santo porteiro vá escancarando facilmente os batentes aos que por tal modo servem a religião católica (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 17 jun. 1861, grifos no original).

A falta do que fazer é outro ponto comum relevante entre o **humorista** e o filósofo; entretanto, é no artigo de 1º de julho que certos traços da caricatura do **barrigudo** ganham mais nitidez. Parodiando trechos do jornal conservador, o articulista desenha um “escritor

público” inescrupuloso e concupiscente, de “macia pena de aço, dedos ágeis, inteligência de borracha em que pode qualquer gravar as impressões que lhe parecer, e cuja elasticidade repercute no papel”.

O particular, o industrial, o financeiro, o político; indivíduo, associação, ou governo, todos são servidos, em prosa ou em verso, conforme recorrem aos mangues próximos à casa de correção, ou às alturas vizinhas ao quartel dos Janisaros de Loyola. E é o grão sacerdote quem escreve a meu respeito com impávida gravidade:

‘...rabiscador anônimo, que tanto tem de estulto como de insolente... o homem descobriu que somos *barrigudo*. (sic) Coitado! ...porque há de o *Diário* assalariar penas tão estúpidas!’ O infeliz está por tal modo dominado pela *barriga*, que nem percebe o sentido moral e figurado da palavra *barrigudo*, e acredita que eu aludo ao seu físico!... (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 01 jul. 1861, grifos no original).

Depois de comentar as críticas do *Regenerador* aos conservadores moderados que aderiram à liga progressista, recusando-se a “fazer política para os famosos chefes” saquaremas, o **humorista** concluiria em tom de escárnio e ameaça: “Continua, **meu casmurro**, a tismar reputações; e eu continuarei a dissecar perante o público a tua barriga” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 01 jul. 1861, grifo meu).

A associação da casmurrice com a barriga física e moral, ainda que apareça nestas resenhas uma única vez, é extremamente significativa dentro do contexto que envolve a melancolia e sua representação. O **bom humor** associa-se ao equilíbrio, à harmonia e, conseqüentemente, à virtude, enquanto o **mau humor** denota desequilíbrio e o domínio de sentimentos negativos como a tristeza, a ira, a fúria, enfim tudo o que provém da **cólera negra** e que se prende ao vício e à loucura. A barriga física e moral é metáfora das paixões egoístas, cuja terapêutica recomendada seria a dissecação pelos escalpelos da ironia e da sátira. Encontramos a confirmação dessas relações no fascinante romance de Laurence Sterne. A história de Tristram Shandy não tencionaria se opor “à predestinação, ou ao livre-arbítrio, ou aos impostos”.

Se a algo se opõe, - permitam-me Vossas Senhorias dizer que é ao *spleen*; visa, mercê de elevação e depressão mais frequente e mais convulsiva do diafragma, e das sucussões dos músculos intercostais e abdominais durante o riso, a expulsar a *bile* e outros *sucos amargos* da vesícula biliar, do fígado e do pâncreas

dos súditos de Sua Majestade, de par com todas as paixões hostis que lhes são próprias, fazendo que se despejem nos duodenos deles.¹⁰ (STERNE, 1998, p. 296, grifos no original).

Mais adiante, ao final do quarto volume, o narrador, como um risonho terapeuta, questiona seus gentis pacientes-leitores:

E agora que chegastes ao fim destes quatro volumes – a coisa que tenho a *perguntar* é, como estão as vossas cabeças? A minha dói horivelmente – quanto às vossas saúdes, sei que estão bem melhores. – O verdadeiro shandeísmo, pensai o que quiserdes contra ele, abre o coração e os pulmões e, como todas as afeições que partilham da sua natureza, força o sangue e outros fluídos vitais do corpo a fluir livremente pelos seus respectivos canais e faz a roda da vida dar volta sobre volta, alegremente. Fosse-me concedido, como a Sancho Pança, escolher meu reino, ele não seria marítimo – nem seria um reino de negros com que ganhar dinheiro; – seria, isto sim, um reino de súditos sempre a rir abertamente. E como as paixões biliosas e mais saturninas, com criar perturbações no sangue e nos humores, têm má influência, pelo que vejo, tanto no corpo político quanto no corpo natural – e como só o hábito da virtude pode realmente governar tais paixões e submetê-la à razão – eu acrescentaria à minha prece – que Deus dê aos meus súditos a graça de serem tão sábios quanto são ALEGRES; então, eu seria o mais feliz dos monarcas e eles o mais feliz dos povos sob o céu. (STERNE, 1998, p. 327-328, grifos no original).

O shandeísmo é inspirado diretamente no pantagruelismo de Rabelais, o próprio Sterne deixa isso claro em sua obra. Basta ler os prólogos de Gargantua e Pantagruel para ver que o riso é a terapêutica do mestre Alcofribas Nasier, extrator da quinta-essência, ou do doutor em medicina M. François Rabelais.¹¹

7 Nessa perspectiva, podemos melhor contextualizar os aspectos literários e a razão pela qual os liberais frequentemente associavam a oligarquia aos vícios derivados do egoísmo: a avareza, a hipocrisia, a

¹⁰ Nesta citação mantenho o termo *spleen*, tal como se encontra no texto original, sendo que o grifo é meu. O tradutor da edição em português substituiu o termo por **mau humor**, o que dilui muito seu significado.

¹¹ Sobre as relações entre a melancolia e a casmurrice senhoria nos romances de Machado de Assis ver meu artigo *Spleen e Escravidão* (CAVALLINI, 2008), desenvolvido, como este, a partir de minha tese de doutorado.

vaidade, a concupiscência, etc. O símbolo cômico dessas paixões biliosas é a gula e a consequente protuberância abdominal que a acompanha. Justiniano José da Rocha tinha a desvantagem de corresponder à caricatura. Salvador de Mendonça fora testemunha, na juventude, de um duelo gastronômico em casa do senador Nabuco, que envolvera o publicista conservador e o jornalista liberal Francisco Otaviano, conhecidos naquele tempo como “os dois melhores garfos do Rio de Janeiro”. A presidência da mesa coube ao Marquês de Abrantes, que seria o único juiz do combate, cujas regras eram comerem, devagar ou depressa, conforme as boas maneiras, saindo vencedor quem conseguisse comer mais. Depois de devorarem fatias de presunto, pães, saladas, vinho branco, maioneses de peixes, perdizes trufadas, libras de rosbife, dois perus de forno recheados com farofa, azeitona e ovos, ambos chegaram bravamente aos doces e assaltaram, ao mesmo tempo, um grande prato de desmamadas. Ao ver a agilidade com que Justiniano as engolia, Otaviano desatou a rir, o que o impediu de continuar. Declarando-se vencido, brincaria com seu contendor – “Rocha, você já viu a última gravura de *Gargantua*, quando o padeiro lhe mete uma empada na boca com a pá? Você já não come desmamadas, enforna-as” (MENDONÇA, 1960, p. 118).

Conta Salvador de Mendonça que um dos filhos de Justiniano dissera-lhe, dois dias depois, que o pai ainda havia devorado no caminho para casa um jacu, que levava do banquete para o almoço do dia seguinte. Mendonça visitaria Rocha, pela última vez, poucos dias antes de sua morte, no início de julho de 1862. Encontrara-o em frente à porta que dava para o jardim, a contemplar sua bela criação de galinhas catalãs e francesas, de cor preta e cristas vermelhas. O mestre estava sentado em sua larga poltrona, “com o rosto emagrecido, o ventre volumoso, a espiar para fora, esquecido de que havia sido, ao lado de Bernardo de Vasconcelos, a âncora mais forte do Império, para só lembrar-se, naquela hora, ao olhar para as suas galinhas pretas, das boas canjas douradas que não chegaria a comer”. (MENDONÇA, 1960, p. 119). Pode ser que haja qualquer coisa de alegórico nestas recordações, não saberia dizer; todavia, o que interessa não é a confirmação de uma relação direta com qualquer personalidade política do império, mas sim, o significado simbólico da gula como traço característico da mentalidade da classe senhorial, ou daqueles que a representaram.

8 Em fins do ano de 1867 ressurgiria em folhetim do *Jornal do Commercio* o personagem criado por Joaquim Manoel de Macedo em **A carteira de meu tio** de 1855. O Sobrinho de Meu Tio, pseudônimo

utilizado pelo narrador para se preservar no anonimato, declarava que a história de sua vida “jeitosa e ilustre” fora tal qual a de muitos outros nobres varões de nossa pátria, que eram o seu retrato por dentro embora não quisessem se parecer com ele por fora (MACEDO, 1995). As **Memórias do Sobrinho de Meu Tio** são uma sátira política que utiliza elementos comuns à dos **humoristas** do *Diário*, com duas diferenças: a crítica não é endereçada diretamente à oligarquia e quem domina a cena é o próprio **barrigudo**. O cinismo e a completa falta de escrúpulos do sobrinho-narrador, que relata a sua trajetória política pautada pela hipocrisia e pelo interesse próprio, dão o colorido à história. É através desta personagem, representante máximo do “partido do Eu”, que Macedo constrói sua crítica a toda uma “família” de políticos oportunistas e mercenários que atuavam no período do Segundo Reinado no Brasil. Ao mesmo tempo em que apresenta os problemas, Macedo indica soluções para se moralizar o sistema representativo e salvar a monarquia constitucional, através da personagem do compadre Paciência, representante do ideal liberal que acompanha o narrador em grande parte de suas memórias.

No decorrer da história, o Sobrinho vai “denunciando” práticas que lesavam o Estado em nome de interesses particulares. O motivo das revelações, segundo o próprio narrador, é de vingança, desforra e castigo. Ele se ligara ao círculo dos homens mais notáveis da sua “escola filosófica”, fazendo comércio de amizades e prestando-lhes favores relevantes, sob a condição de adotarem sua candidatura a deputado da assembleia legislativa, por qualquer distrito de qualquer das províncias do Império: “Firmou-se o contrato bilateral com juramento: quem não assinou o contrato foi o povo que me devia eleger; isso porém não me preocupou; porque o povo só por exceção elege aqui ou ali alguns deputados.” Terminada as apurações, o Sobrinho, que não fora eleito, sentiu-se trapaceado pelos seus semelhantes e prometeu vingança: “Os Tartufos que me lograram e eu pertencemos todos a mesma escola filosófica e política, à escola do **amor exclusivo do eu**, do gozo do presente, a escola da **barriga física e moral**” (MACEDO, 1995, p. 51-53, grifos meus).

9 O egoísmo e a gula são atributos de Brás Cubas, “o menino diabo”, que quebrara a cabeça de uma escrava porque esta lhe negara uma colher de doce de coco.¹² Quincas Borba, igualmente, partilha dos mesmos

¹² Há ainda o episódio da compota que motivara a vingança do menino contra o Dr. Vilaça (*Brás Cubas*, cap. XII). Nas citações dos romances de Machado de Assis, apenas

predicados, pois, além de exibir suas teorias em meio às refeições, costuma ilustrá-las com analogias referentes ao bem-estar do estômago, e quando este bem-estar diz respeito à sua própria barriga, tanto melhor. Durante a exposição dos princípios do Humanitismo, enquanto Brás “digeria a filosofia nova”, Quincas Borba, que mal encobria “a satisfação do triunfo”, tinha diante de si “uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade”. Uma vez justificada a guerra, em poucas palavras e num estalar dos dedos, como uma “operação conveniente”, o filósofo trataria da fome, “chupando filosoficamente a asa do frango”.

[...] a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados com o único fim de dar mate ao meu apetite (BRÁS CUBAS, cap. CXVII).¹³

Magnífico exemplo de lucidez de consciência na loucura. Uma somatória de trabalho alheio acumulado no comércio de escravos, “multidão de esforços e lutas”, deve suprir as necessidades dos estômagos vorazes dos senhores ociosos. Quincas contemplaria a beleza de seu sistema apreciando “o espetáculo” de uma briga de cães, que se mordiam e rosnavam, “com furor nos olhos”, por um osso que nem carne tinha, luta em que via a confirmação do Humanitismo e a que parecia assistir em êxtase (BRÁS CUBAS, cap. CXLI). Emendaria um pensamento de Pascal - o de que o homem levava grande vantagem sobre o resto do universo porque possuía a consciência de sua morte - afirmando que, na realidade, um homem que disputasse um osso com um cão teria a vantagem porque sabia que tinha fome.

‘Sabe que morre’ é uma expressão profunda; creio todavia que é mais profunda a minha expressão: sabe que tem fome.

indicarei a obra e o capítulo, o que facilitará a consulta em qualquer edição. Lembro que o texto fonte é o das *Obras Completas* (ASSIS, 1997).

¹³ Para outras relações entre a filosofia do Humanitismo e a ideologia senhorial ver: Chalhoub (2003), especialmente capítulo 3.

Porquanto o fato da morte limita, por assim dizer, o entendimento humano; a consciência da extinção dura um breve instante e acaba para nunca mais, ao passo que a fome tem a vantagem de voltar, de prolongar o estado consciente. Parece-me (se não vai nisso alguma imodéstia) que a fórmula de Pascal é inferior à minha, sem todavia deixar de ser um grande pensamento, e Pascal um grande homem (BRÁS CUBAS, cap. CXLII).

Traços destes vícios também estão presentes em Bentinho. O egoísmo não é difícil perceber, mas a gula talvez esteja indicada de modo mais sutil. Na infância, enquanto Capitu refletia sobre as reações de Dona Glória e pensava num plano para livrar o amigo do seminário, ele comprava doces; observando como casmurro que, “em meio da crise”, “conservava um canto para as cocadas”, o que poderia ser “tanto perfeição como imperfeição” (DOM CASMURRO, cap. XVIII). Quando brincavam de padre e sacristão, Bentinho e Capitu alteravam todo o ritual e precipitavam as cerimônias para dividirem logo as hóstias, que eram sempre alguns doces, tudo se abreviava “tal era a gulodice do padre e do sacristão” (DOM CASMURRO, cap. XI). Como vimos no caso das cocadas, Capitu ao menos perdia a fome nos momentos de crise.

10 Podemos imaginar as impressões de Machado de Assis diante de toda essa glotonaria melancólica que transcrevia em suas obras, compondo-a minuciosamente de modo a revelar e disfarçar, ao mesmo tempo, a essência da mentalidade senhorial e seus aspectos grotescos. Provavelmente sua reação imitasse a de Nikolai Gógol em *Almas Mortas*, autor que Machado apreciava e cujo plano de Tchitchicov imaginou transferir para o Brasil, para aproveitar as oportunidades do Treze de Maio e da possível indenização aos proprietários de escravos (BONS DIAS!, 26 jun. 1888).¹⁴ No romance russo, a certa altura, o escritor interrompe a narrativa para confidenciar aos leitores sua admiração pelo apetite das personagens e de outros senhores.

O autor deve confessar que sente inveja do apetite e do estômago deste tipo de gente. Para o autor nada, absolutamente nada, significam todos esses grandes senhores, que vivem em Petersburgo e Moscou, e passam o seu tempo em meditações sobre o que irão comer amanhã e que espécie de almoço inventarão para depois de amanhã, e que não atacam o tal almoço sem antes despachar uma pílula garganta abaixo; gente

¹⁴ Sobre as afinidades entre Machado e Gógol ver o artigo de Eugênio Gomes (1958).

que engole ostras, caranguejos marinhos e outros monstros, e depois viaja para as estações de águas de Carlsbad ou do Cáucaso. Não, esses senhores jamais despertaram a sua inveja. Mas os senhores de classe média, que numa parada pedem presunto, na outra um leitão, na terceira uma fatia de esturjão ou alguma linguça assada com cebola, e depois, como se nada tivesse acontecido, sentam-se à mesa a qualquer hora, e a sopa de esturjão com enguia e ovas lhes borbulha e chia entre os dentes, acompanhada de bolo de arroz ou pastel de salmão, de tal sorte que desperta o apetite do espectador – estes senhores, estes sim, gozam de um invejável dom divino! Mais de um dos senhores de classe alta sacrificaria no mesmo instante metade das almas de camponeses que possuísse e metade das suas propriedades, hipotecadas e não hipotecadas, com todas as benfeitorias à moda russa ou estrangeira, só para poder ser dono de um estômago igual àquele que tem o senhor de classe média; o azar é que por dinheiro nenhum, nem em troca de propriedades, com ou sem benfeitorias é possível adquirir um estômago desse de que são donos os senhores de classe média (GOGOL, 2002, p. 78-79).

Machado de Assis, em sua obra, retomou e reelaborou elementos que compunham a crítica liberal à política e ao domínio da oligarquia saquarema. Tais elementos foram absorvidos de uma tradição literária que se liga à história da sátira menipeia, representada por escritores como Luciano de Samosata, Erasmo de Rotterdam, François Rabelais, Swift, Sterne, etc. O bruxo do Cosme Velho utilizou-se dessas referências políticas e literárias para descrever e *anatomizar a psique* e as *paixões biliosas* da classe senhorial no Brasil. Compreender tais relações ajuda a contextualizar a visão crítica de Machado e a melhor apreciar as qualidades de sua obra. Em seus contos e romances encontramos o “retrato moral” dos homens que se acreditavam senhores de seu tempo, de suas mulheres, dependentes e escravos. Não obstante, nem tudo aconteceu como aqueles senhores imaginavam, e a melancolia indica momentos de crise em que a realidade contradiz os desejos e mancha de negro o sonho senhorial. Isso nos convida a refletir sobre as classes que tinham “mais apetite que jantares” e que se contrapunham à casmurrice patriarcal, um tema a ser ruminado em outras ocasiões.¹⁵

¹⁵ Na crônica d'A *Semana* de 6 de Janeiro de 1985, Machado lembraria uma célebre definição que Chamfort forjou no século XVII, dizia ele que a sociedade se compunha de duas classes, “uma que tem mais apetite que jantares, outra que tem mais jantares que apetite” (ASSIS, 1997, vol. III, p. 644-646).

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. de. *Obra Completa*. 3. v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- ASSIS, M. de. *Bons Dias!* Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec/ Ed. Unicamp, 1990.
- BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3ª ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1996.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4ª ed. revista e ampliada. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BLAKE, A. V. A. S. *Diccionario bibliographico brasileiro*. 7 v. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902.
- CANO, J. *O fardo dos homens de letras: o "orbe literário" e a construção do império brasileiro*. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em História) – IFCH / UNICAMP.
- CAVALLINI, M. C. *Letras políticas: a crítica social do Segundo Reinado na ficção de Machado de Assis*. Campinas, 2005. Tese (Doutorado em História) – IFCH / UNICAMP.
- CAVALLINI, M. C. *O Diário de Machado de Assis: a política do Segundo Reinado sob a pena do jovem cronista liberal*. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH / UNICAMP.
- CAVALLINI, M. C.. Spleen e escravidão: a melancolia senhorial em Dom Casmurro e Brás Cubas. *Revista de Letras*. São Paulo, v. 48, n. 2, p. 91-112, Jul.-Dez. 2008.
- CHALHOUB, S. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- GOGOL, Nikolai. *Almas mortas*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- GUINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- HIPPOCRATES. *Oeuvres Complètes d'Hippocrate*. 10 v. Paris: Ed. Littré, 1839-1861. Reimpressão: Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1962.
- MACEDO, J. M. de. *Memórias do Sobrinho de Meu Tio*. Organização de Flora Sussekind. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

- MAGALHÃES JÚNIOR, R. (Org). *Três panfletários do Segundo Reinado*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.
- MASSA, J. M. *A juventude de Machado de Assis (1839- 1870): ensaio de biografia intelectual*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MATTOS, I. R. *O Tempo Saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- MENDONÇA, S. de M. D. F. de. Cousas do Meu Tempo. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, n. 20, 1960.
- NABUCO, J. *Um estadista do Império*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1975.
- REGO, E. J. de S. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SOUZA, O. T. de. *Fatos e personagens em torno de um regime*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. 2ª ed. Corrigida. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.